

DIESEN, Glenn. **Europe as the Western Peninsula of Greater Eurasia:**  
gloeonomic regions in a multipolar world. London:  
Roman & Littlefield, 2021, 230 p.

Carlos Eduardo Martins\*

Glenn Diesen é ainda pouco conhecido do público brasileiro e latino-americano. Nascido na Noruega em 1979, exerce, entre outras atividades, a função de professor e pesquisador da Universidade de South-Eastern Norway, da Escola de Altos Estudos de Ciências Econômicas de Moscou, e é membro do Clube de Discussão de Valdai, *Think Thank* fundado em 2004 e que reúne centenas de intelectuais e personalidades de diversas partes do planeta com o objetivo de auxiliar o governo russo a elaborar uma visão própria da geopolítica mundial, capaz de estabelecer alternativas à globalização neoliberal e à pretensão de unipolaridade estadunidense. Autor de vários livros de destaque, como *The Decay of Western Civilisation and Resurgence of Russia* (2020) e *Russian Conservatism: managing change under permanent revolution* (2021), Diesen vem se notabilizando como um dos mais relevantes autores de um pensamento que busca lançar os fundamentos estratégicos de um mundo multipolar através da construção de um espaço geoeconômico eurasiático capaz de confrontar a hegemonia mundial dos Estados Unidos, bem como sua projeção para o Atlântico Norte, e superar o domínio dos poderes marítimos sobre o das grandes massas terrestres. Exatamente por essa razão, tem sofrido ataques do liberalismo intelectual dominante, que busca desqualificar a importância de suas contribuições.

Ele aponta que a hegemonia está ligada ao controle de três dimensões: indústrias estratégicas, corredores de transporte e instrumentos financeiros. O domínio do Atlântico Norte sobre o mundo se estabeleceu pela superioridade do controle marítimo na garantia dos corredores de transporte, o que permitiu àqueles que lhes dirigiram obter vastos suprimentos de matérias-primas, impor uma divisão internacional do trabalho articulada e usufruir de proteção do território contra ameaças militares, particularmente em Estados-ilhas, como a Grã-Bretanha, e os Estados Unidos. Todavia, o autor assinala que essa superioridade não é definitiva, mas histórica, podendo ser modificada pelo desenvolvimento de vastos corredores de transporte bimodais

\* Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2003). Professor Associado do Instituto de Relações Internacionais e Defesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional (PEPI/UFRJ), professor visitante no Arrighi Center for Global Studies e pesquisador do CLACSO.

nas grandes massas territoriais, promotores da articulação entre conexões terrestres e marítimas. A associação entre tais corredores e o domínio tecnológico e financeiro pode alterar significativamente as relações de poder no mundo e substituir o domínio dos grandes poderes marítimos, que relegava as grandes zonas territoriais à posição periférica, limitando em grande parte o desenvolvimento de sua infraestrutura aos interesses dos grandes centros de poder mundial.

Diesen assinala que a política externa estadunidense deu centralidade à contenção dos poderes territoriais na Eurásia desde as obras de Nicholas Spykman e George Kennan, o que orientou suas ações no pós-guerra. Discípulos de Halford Mackinder e de sua teoria do Heartland – que desafiou a tese de Mahan da inevitável superioridade do poder marítimo ao afirmar que quem desenvolvesse os corredores de transporte no coração da Eurásia, Alemanha-Rússia, e o integrasse alcançaria a hegemonia mundial –, Spykman e Kennan constroem seus paradigmas do Rimland e da contenção. A contenção destacou a necessidade de os Estados Unidos controlarem a periferia ocidental da Eurásia e a necessidade de usarem a Alemanha, a Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte e o Japão como instrumentos de isolamento e de limitação da capacidade industrial da União Soviética e dos poderes eurásianos. A visão geopolítica de Henry Kissinger que estabeleceu a política de *open-door* para a China a partir dos anos 1970, foi marcada por essa mesma concepção, buscando isolá-la da União Soviética, aprofundando e fragmentando a cooptação de poderes na Eurásia. Tais preocupações estruturais da política norte-americana impediram que a proposição de um domínio global liberal norte-americano no pós-Guerra Fria fosse capaz de incorporar a Rússia, mantendo-se a política de isolamento e de ameaça militar pela expansão da Otan para o Leste, de um lado e, de outro, a de desindustrialização por meio da penetração do neoliberalismo. Essa orientação exige cada vez mais subordinar a Europa ao poder estadunidense, aprofundando suas assimetrias, o que Diesen trata sob o conceito de balanço da dependência, processo cada vez mais contraditório com os interesses estratégicos europeus à medida que a hegemonia dos Estados Unidos aprofunda seu declínio e perde a capacidade de prover bens públicos, exigindo lealdades e alianças para atender exclusivamente aos seus interesses particulares.

O crescente deslocamento do poder industrial e econômico para a China a partir de sua crescente inserção na economia mundial, que combinou o desenvolvimento da soberania nacional com janelas de oportunidade proporcionadas pelas políticas de *open-door*, levou os Estados Unidos, a partir da eleição de Donald Trump, a romperem com a política de acomodação do país asiático na ordem mundial liberal, para privilegiarem a de contenção. Longe, entretanto, de esse giro representar um ponto fora da curva imposto pelo exotismo de Trump, sinalizou, em verdade, uma mudan-

ça de paradigma e o fim da ascensão pacífica da China na economia mundial. Isso se evidencia no crescente direcionamento da OTAN contra a China, no uso do espaço Indo-Pacífico como instrumento de cerco, na crescente militarização do Mar do Sul da China e nas sanções comerciais, financeiras e diplomáticas para restringir a promoção de corredores de transporte bimodais impulsionados pelo país asiático. Tais tendências destacadas por Diesen buscam não apenas limitar a ascensão da China, mas sobretudo o estabelecimento geoeconômico e geopolítico da Eurásia, por meio do qual a Rússia poderia reforçar a sua autonomia jogando um papel estratégico na articulação da Europa com a China. O suporte financeiro e militar estadunidense à guerra na Ucrânia, as dramáticas sanções financeiras e comerciais impostas à Rússia, a criação da Aukus (Austrália, Reino Unido e Estados Unidos), a manutenção da guerra comercial e diplomática por Biden contra a potência sínica e a doutrina de conceito estratégico da OTAN, considerando uma ameaça à ordem internacional a pretensão da China de dominar a fronteira tecnológica, ter acesso a materiais estratégicos e aliar-se à Rússia, indicam o estabelecimento de uma nova era. Nesse livro, publicado em 2021, Diesen aponta e antecipa as linhas fundamentais dessas tendências para onde convergem republicanos e democratas, mesmo com diferentes estilos e matices, revelando a agudeza de sua visão geopolítica.

A crise de 2008 marcou para a China o salto do paradigma da ascensão pacífica para o do jogo de cooperação positiva *win-win*. Na ascensão pacífica, a China fortalecia sua soberania, mas se subordinava à hegemonia estadunidense e sua ordem internacional, articulando a dinâmica econômica interna à criação de plataformas de exportação para a potência anglo-saxã e utilizava seus superávits comerciais para sustentar o parasitismo norte-americano por meio da compra de seus títulos da dívida pública. Com o jogo de cooperação positiva, a China não apenas opera nos espaços internacionais de interesse dos Estados Unidos mas os subordina à criação e estabelecimento dos seus próprios espaços geopolíticos: lança a nova Rota da Seda, lidera a criação do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), fortalece a Organização para a Cooperação de Shangai e coloca como meta até 2049 dominar a fronteira tecnológica digital, espacial e ambiental, promover corredores de exportação bimodais que desenhem a integração geoeconômica das grandes massas da Eurásia e do Sul, e estabelecer instrumentos financeiros que substituam a hegemonia do dólar. A criação do Novo Banco de Desenvolvimento (BRICS), do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, do Fundo da Rota da Seda, a internacionalização do renminbi, o uso de moedas digitais, o aumento das reservas em ouro e o emprego de sistemas financeiros alternativos ao *Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication* (SWIFT) como o *Cross-Border Interbank Payment System* (CIPS),

são instrumentos que vêm sendo usados para abrir alternativas ao dólar.

Entretanto, a política de sanções, cerco e ameaça militar contra China e Rússia por parte dos Estados Unidos tem implicado no resultado inverso ao planejado, como já apontava o autor, impulsionando a aproximação entre esses dois grandes pilares da Eurásia, deles com países isolados pela ordem internacional norte-americana e com outros, como a Índia, que buscam aproveitar as oportunidades de acesso a enormes mercados criadas pela adesão de aliados aos vetos e sanções norte-americanos, como é o caso da União Europeia. Cabe à União Europeia fazer a opção entre aprofundar o balanço da dependência e constituir-se num protetorado militar dos Estados Unidos, anexo de sua política externa, ou afirmar sua autonomia e acreditar-se como região estratégica de um mundo multipolar, entre o hemisfério ocidental e o Oriente, opção defendida por Diesen

O pensamento de Diesen representa um importante aporte para uma geopolítica do século XXI, mas seus limites estão na matriz realista de que parte para fundar a sua visão contra-hegemônica, o que o leva a conceber o Estado como uma unidade, suprimindo as contradições internas e as lutas de classes que o fundamentam do seu referencial teórico. Dessa forma, tende a referendar como constitutiva da subjetividade russa uma unidade civilizatória e cultural conservadora, de longa duração, antiliberal, que Putin mobilizaria frente às ameaças expansionistas anglo-saxãs. Assim, as lutas internas são minimizadas e temáticas relacionadas a direitos universais são vistas com restrição, quando, em verdade, as disputas no interior do Estado podem ser também parte do processo de afirmação e desenvolvimento de novos polos de poder no mundo, como foi o giro proporcionado pelo estabelecimento do paradigma do *New Deal* na política pública estadunidense nos anos 1930, que iria ganhar novas dimensões com o keynesianismo militar dos anos 1940 e do pós-guerra e com a Grande Sociedade de Lyndon Johnson nos anos 1960. Tais limites, todavia, não devem obscurecer os imensos aportes trazidos pelo autor para pensarmos, com autonomia, a América Latina como parte de um novo eixo geopolítico emancipatório que, mais que eurasiático, deverá expressar a emancipação do Sul Global da longa duração colonial e imperialista no mundo.